

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)
ISSN: 2177-2886

Artigo
Les-Online

“LES Friendly”: Práticas Geoespaciais Participativas para a Promoção de Espaços Públicos mais Inclusivos

*“LES Friendly”: Practicas Geoespaciales
Participativas para la Producción de Espacios
más Inclusivos*

*“LES Friendly”: Participatory Geospatial
Practices to Promote more Inclusive Public
Spaces*

Eduarda Ferreira

CICS.NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas (FCSH/NOVA)
e.ferreira@fcs.unl.pt

Como citar este artigo:

FERREIRA, Eduarda. “LES *Friendly*”: Práticas Geoespaciais Participativas para a Promoção de Espaços Públicos mais Inclusivos. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 91-113, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

“LES Friendly”: Práticas Geoespaciais Participativas para a Promoção de Espaços Públicos mais Inclusivos

“LES Friendly”: Practicas Geoespaciales Participativas para la Producción de Espacios más Inclusivos

“LES Friendly”: Participatory Geospatial Practices to Promote more Inclusive Public Spaces

Resumo

Este artigo explora o potencial de mapas colaborativos em ambiente online para a promoção de espaços públicos mais inclusivos para mulheres lésbicas e bissexuais. Mapas online colaborativos das cidades de Lisboa e Porto foram criados com base nas memórias, emoções e sentimentos de mulheres lésbicas e bissexuais. As participantes decidem sobre que informação incluir no mapa e criam as suas próprias narrativas geoespaciais e representações, classificando com uma escala codificada por cores quão seguras / inseguras se sentiram nos locais georreferenciados. Mais do que apenas criar um mapa online colaborativo de espaços ‘friendly’ para lésbicas, este projeto de investigação utiliza práticas da web geoespacial para explorar as inter-relações de espaços ‘friendly’ e espaços percebidos como seguros, criando significados coletivos a partir de experiências individuais.

Palavras-Chave: Lésbicas; Práticas Geoespaciais; Mapas Colaborativos online; Espaço Público.

Resumen

Este artículo explora el potencial de mapas colaborativos en ambientes online para la producción de espacios públicos más inclusivos para mujeres lésbicas y bisexuales. Mapas online colaborativos de las ciudades de Lisboa y Porto fueron creados con base en las memorias, emociones y sentimientos de mujeres lésbicas y bisexuales. Las participantes decidieron sobre que información incluir en el mapa y crear sus propias narrativas geoespaciales y representaciones, clasificaciones con una escala codificada por colores cuan seguras /inseguras se sentían en los lugares georreferenciados. Mas que apenas crear un mapa online colaborativo de espacios “friendly” para lésbicas, este proyecto de investigación utiliza prácticas de la web geoespacial para explorar las interacciones de espacios ‘friendly’ y espacios percibidos como seguros, creando significados colectivos a partir de experiencias individuales.

Palabras-Claves: Lésbicas; Práticas Geoespaciales; Mapas Colaborativos online; Espacio Público.



Abstract

This article explores the potential of online collaborative mapping to promote more inclusive public spaces for lesbian and bisexual women. Collaborative online maps of the cities of Lisbon and Porto were created based on the memories, emotions and feelings of lesbian and bisexual women. Participants decide on what information to include on the map and create their own geospatial narratives and representations, classifying with a color-coded scale how secure / insecure they felt in geo-referenced locations. More than just creating a collaborative online map of 'friendly' spaces for lesbians, this research project uses geospatial web practices to explore the interrelations of 'friendly' spaces and perceived spaces as safe, creating collective meanings from individual experiences.

Keywords: Lesbians; Geospatial Practices; Collaborative Webmaps; Public Space.

Introdução

As identidades sociais são complexas e incorporam diversas dimensões emocionais, sociais, culturais e económicas, não sendo possível explicar as desigualdades através de uma única dimensão (VALENTINE, 2007). Como tal, não é possível analisar uma única dimensão das identidades sociais isoladamente sem ter em consideração as interseções com toda a complexidade relacional em que se insere cada indivíduo. Em particular, a interseção entre género e orientação sexual é central na presente investigação.

A especificidade da inter-relação entre as mulheres e os espaços públicos (MASSEY, 1994; VALENTINE, 1989) e a escassez de pesquisas sobre lésbicas quando comparada com pesquisas sobre gays em Portugal (FERREIRA; SILVA, 2011) suporta a decisão de focar esta investigação na realidade de mulheres lésbicas e bissexuais. Neste documento, o termo lésbicas e mulheres bissexuais identifica mulheres cisgénero e transgénero que se envolvem em relações sexuais/emocionais com outras mulheres e se autoidentificam como lésbicas ou bissexuais.

A abordagem das teorias feministas à produção de conhecimento é o principal suporte teórico desta investigação, nomeadamente o reconhecimento das inter-relações entre o posicionamento social, valores e atitudes das/os investigadoras/es e a forma como o pensamento científico é produzido (ROSE, 1993; MASSEY, 1994; VALENTINE, 2001). As questões investigadas, as metodologias utilizadas e as formas de divulgação dos resultados, são alguns exemplos de aspetos da investigação que são influenciados pelo enquadramento pessoal, social, económico e cultural das/os investigadoras/es. Nesta perspetiva, é importante assumir o posicionamento da investigadora responsável pelo projeto “LES friendly” e também autora do presente artigo, rompendo com um posicionamento supostamente neutro das/os investigadoras/es (ROSE, 1993; VALENTINE, 2002). A investigadora responsável pelo projeto “LES friendly” tem um envolvimento ativo em diversos programas nacionais de igualdade de oportunidades, e em particular tem desenvolvido trabalho como ativista dos direitos LGBT assumindo uma postura de visibilidade como lésbica.

Esta investigação valoriza abordagens participativas e métodos de pesquisa qualitativa, é centrado nas vozes das participantes e utiliza as tecnologias como

uma forma de promover a mudança social. O presente artigo começa por explorar as inter-relações dos espaços públicos e identidades sociais, com foco nas expressões de afeto entre mulheres em espaços públicos. Para contextualizar o projeto “LES friendly” que explora práticas geoespaciais participativas para a promoção de espaços públicos mais inclusivos para mulheres lésbicas e bissexuais, o artigo apresenta os resultados de uma investigação de mapeamento web colaborativo ‘Camadas de visibilidade’. Na segunda metade do artigo, apresentamos os resultados de um grupo focal organizado para explorar as formas como a tecnologia pode contribuir para tornar os espaços públicos mais seguros para expressões de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Para finalizar, apresentamos a conceptualização e desenvolvimento do projeto “LES friendly”, refletindo sobre as potencialidades e limitações das práticas geoespaciais em ambiente online.

Os Espaços Públicos e Identidades Sexuais

Os espaços públicos são construídos em torno de noções de comportamentos sexuais considerados apropriados, refletindo e reproduzindo a heteronormatividade, excluindo as sexualidades não-normativas, como as sexualidades gay e lésbica (HUBBARD, 2001). No contexto de uma paisagem socioespacial heteronormativa, as pessoas podem decidir não divulgar a sua orientação sexual não-normativa, levando assim a uma invisibilidade generalizada das sexualidades gay e lésbica em espaços públicos. Simultaneamente, a invisibilidade generalizada das sexualidades gay e lésbica em espaços públicos reforça as desigualdades de poder (FRA, 2010), realimentando a paisagem socioespacial heteronormativa (FERREIRA, 2011). O contexto sócio-espacial heteronormativo dos espaços públicos é uma das formas mais presentes de discriminação em função da orientação sexual, uma vez que exerce fortes pressões sociais para confinar e esconder as sexualidades gay e lésbica dentro de espaços privados (VALENTINE, 1993a). Dado o contexto de discriminação social e a possibilidade de não revelar a sua orientação sexual, há uma invisibilidade generalizada das sexualidades não heterossexuais em espaços públicos (HUBBARD, 2001), ao mesmo tempo que esta invisibilidade espacial reforça o contexto social de discriminação (FRA, 2010). Esta investigação explora a relação mútua da constituição e reprodução do espaço, identidades sexuais e desigualdades de poder.

Grupos minoritários discriminados, como as lésbicas e os gays, experienciam desigualdades de poder nas suas vidas quotidianas e a sua invisibilidade nos espaços públicos contribui para a sua perda de poder (FRA, 2010). O relatório sobre a discriminação com base na orientação sexual e identidade de género na União Europeia, da responsabilidade do Conselho da Europa (2011, p. 7), afirma que foram identificadas atitudes homofóbicas em todos os estados membros e que a informação tendenciosa, desatualizada e incorreta sobre orientação sexual, bem como representações estereotipadas de pessoas LGBT nos media contribui para a formação de atitudes negativas em relação à homossexualidade e bissexualidade. O Comissário para os Direitos Humanos do Conselho da Europa, neste relatório (CONSELHO DA EUROPA, 2011) reconhece que as pessoas LGBT são um grupo heterogêneo, muitas

vezes estigmatizado, discriminado e que vive com o medo de ser rejeitado pela família, parentes, amigos e sociedade em geral, devido à sua orientação sexual. Muitas pessoas LGBT escondem a sua orientação sexual na vida quotidiana com medo de que o conhecimento público possa levar a discriminação, assédio, rejeição ou mesmo violência. Por recearem reações negativas na escola, no trabalho, no seu bairro ou na sua família, as pessoas LGBT podem não ser capazes de compartilhar este aspeto mais íntimo de sua vida privada com a família, amigos e colegas.

Além disso, os atos percebidos como triviais e banais para casais heterossexuais (por exemplo, andar de mãos dadas, beijar ou falar sobre sua vida privada) podem muitas vezes ser percebidos como provocadores e ofensivos quando feitos por um casal de pessoas do mesmo sexo. Várias investigações demonstraram que existe a ideia dominante de que as pessoas LGBT não devem ser visíveis em público, mas sim serem discretas e limitarem a expressão dos seus afetos à esfera privada (CONSELHO DA EUROPA, 2011, p. 31). O contexto generalizado de discriminação social leva à invisibilidade de pessoas não-heterossexuais na esfera pública, restringindo o pleno gozo dos direitos humanos universais por pessoas LGBT.

Investigações recentes evidenciam que demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo, em geral, não são visíveis, respeitadas ou aceites, mesmo em países com legislação abrangente no sentido da não-discriminação em função da orientação sexual (FRA, 2010). Em contraste com os heterossexuais que têm como garantida a liberdade para realizar demonstrações públicas de afeto, tais como andar de mãos dadas, abraçar e beijar, as pessoas não-heterossexuais estão constantemente conscientes das inter-relações entre as suas identidades sexuais e os espaços públicos, num exercício constante de autovigilância em que controlam os seus comportamentos para evitar que a sua orientação sexual seja visível (VALENTINE, 1996). Este exercício de autorregulação e autopolicamento das mulheres lésbicas e bissexuais na gestão diária das suas identidades sexuais envolve sentimentos de desconforto e de não-pertença, com consequências ao nível da autoestima (CORTEEN, 2002).

Demonstrações Públicas de Afeto entre Pessoas do Mesmo Sexo

Uma investigação realizada em Portugal (FERREIRA, 2011) revela que demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo (como andar de mãos dadas, abraçar e beijar) não são frequentes para as mulheres homossexuais e bissexuais. As principais razões que as participantes mencionaram para limitarem as suas demonstrações públicas de afeto, foram: a) o sentimento de 'não ser seguro'/medo da discriminação; b) o entendimento de que as pessoas em geral não estão preparadas para lidar com demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo e que as/os homossexuais e bissexuais não devem chocar/incomodar as outras pessoas (o que pode ser identificado como homofobia internalizada); e c) a necessidade de ter em consideração a opinião da sua parceira relativamente às demonstrações públicas de afeto. Apenas uma pequena percentagem das entrevistadas respondeu que tinha o direito de expressar seu afeto publicamente,

independentemente da reação das outras pessoas ou do respeito da sociedade pela diversidade. A maior parte das entrevistadas mencionou ter uma permanente sensação de falta de segurança associada às demonstrações públicas de afeto com uma pessoa do mesmo sexo. Também ficou evidente que para a maioria das participantes o facto de se ter este tipo de comportamentos em público é equivalente a assumir a sua orientação sexual. As mulheres lésbicas e bissexuais que participaram nesta pesquisa não percebem os espaços públicos como amigáveis para não-heterossexuais. Considerando as mudanças na legislação Portuguesa no sentido da inclusão das pessoas LGBT e o aumento significativo de associações LGBT desde 1996 (FERREIRA e SILVA, 2011) seria de esperar que fosse mais fácil para as lésbicas e bissexuais mais jovens terem demonstrações públicas de afeto. No entanto, os resultados não revelaram quaisquer diferenças entre as participantes mais jovens e as mais velhas. Outro resultado interessante é que algumas das entrevistadas que têm uma postura de visibilidade relativamente à sua orientação sexual quer em contexto familiar, com amigos ou no trabalho, também evitam ter expressões públicas de afeto. Se entendermos o processo de 'sair do armário' como um processo complexo e difícil que implica diversas estratégias de negociação dos espaços e tempos da vida de cada pessoa (VALENTINE, 1993b), podemos entender estes resultados.

Aquela investigação (FERREIRA, 2011) também analisou como as características dos espaços públicos podem condicionar as expressões públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. A maioria das entrevistadas identificou os espaços públicos isolados e longe do 'olhar de outras pessoas', como mais seguros para demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Outra ideia foi clara: a proximidade ao local de residência ou do trabalho limita as demonstrações públicas de afeto, dado que a maioria das entrevistadas não querem ser identificadas como lésbicas por pessoas com quem interagem diariamente. Por outro lado, os espaços identificados como LGBT '*friendly*', como algumas áreas de diversão noturna nas grandes cidades, caracterizadas por uma sensação de anonimato, são facilitadoras das demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Uma análise da inter-relação entre espaço/tempo é interessante. Lésbicas e bissexuais podem sentir-se confortáveis em espaços públicos que não são habitualmente considerados '*friendly*', mas que em determinados momentos podem tornar-se '*friendly*', como por exemplo, durante eventos do orgulho LGBT. A presença visível de lésbicas e gays pode transformar um espaço heteronormativo num espaço homo '*friendly*' (BELL, 2001; VALENTINE, 2001). Os resultados indicam que um único mapa não pode representar os espaços '*friendly*' para demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. As áreas de residência e de trabalho de cada pessoa constituem constrangimentos para a expressão pública de afetos entre pessoas do mesmo sexo, e, como tal, seria preciso desenhar um mapa para cada pessoa. Provavelmente, apenas algumas áreas de diversão noturna em grandes áreas urbanas seriam comuns a todos os mapas. A investigação sobre as práticas quotidianas de mulheres lésbicas e bissexuais pode contribuir para uma melhor compreensão da sexualidade como um processo de relações de poder que medeia as nossas interações quotidianas.

Investigação de Mapeamento Web Colaborativo 'Camadas de Visibilidade'

A investigação 'Camadas de Visibilidade' realizada em Lisboa, Portugal (FERREIRA; SALVADOR, 2015) explorou como criar e partilhar camadas digitais de visibilidade lésbica em mapas colaborativos em ambiente online pode romper o heterossexismo dominante dos espaços públicos. Um mapa online colaborativo do Parque das Nações em Lisboa, com informações georreferenciadas sobre experiências positivas de lésbicas em espaços públicos foi criado e tornado público¹. Foi escolhida para a realização da investigação uma área de Lisboa que não fosse identificada como LGBT 'friendly', uma vez que o objetivo da investigação implicava desenvolver as atividades num espaço considerado heteronormativo. As opiniões das participantes foram recolhidas através de um inquérito online. A análise das respostas das participantes que tiveram acesso à informação contida no mapa permite concluir que a perceção do Parque das Nações foi alterada após a visualização do mapa colaborativo. A mudança mais significativa foi a perceção deste espaço como mais seguro para as mulheres lésbicas e bissexuais e a sensação de pertença e de identificação com o local. Um dos argumentos para a mudança na perceção do Parque das Nações foi o considerar que se num local as demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo forem frequentes a indiferença das outras pessoas pode aumentar relativamente a esses comportamentos. O aumento do sentimento de pertença é particularmente relevante e vale a pena explorar em trabalhos futuros, sendo uma sensação incomum para a maioria de pessoas não-heterossexuais em espaços públicos. O mapa online 'Camadas de Visibilidade' não só contribuiu para alterar a representação do Parque das Nações da maioria das participantes, como também levou muitas das participantes a manifestarem uma maior probabilidade de virem a ter demonstrações públicas de afeto com pessoas do mesmo sexo naquele espaço público.

As tecnologias de informação e comunicação estão a reconfigurar a organização e a produção das representações espaciais e temporais das interações sociais e trazem novas possibilidades de ação pública (BARNETT, 2003). O potencial destas tecnologias para promover a agência, mudar as relações de poder e romper o discurso hegemónico, aumenta à medida que mais pessoas se tornam autores de um fluxo complementar de informações, memórias, histórias e experiências (LANE *et al*, 2005). A produção de representações alternativas de espaço, com base em experiências individuais, pensamentos e emoções georreferenciadas, é cada vez mais uma realidade acessível a todas as pessoas através de aplicações online de fácil utilização (CRAMPTON, 2009; LIN, 2013). A web geoespacial participativa abre a possibilidade de criar e partilhar representações online de espaços, produzindo narrativas geoespaciais alternativas aos discursos hegemónicos. O projeto 'Camadas de Visibilidade' é um exemplo de como mapas colaborativos de experiências positivas em espaços públicos de mulheres lésbicas e bissexuais

1 Disponível em: <<http://goo.gl/maps/ID0RP>> .

pode influenciar a identidade social e o sentimento de pertença, capacitando para a ação e facilitando as demonstrações públicas de afeto.

Grupo Focal: Espaços “friendly” são Seguros?

Para aprofundar os resultados obtidos na investigação ‘Camadas de Visibilidade’ (FERREIRA e SALVADOR, 2015), foi realizado pela investigadora um grupo focal com mulheres que se autoidentificam como lésbicas ou bissexuais (Tabela 1).

Tabela 1 – Caracterização das participantes no grupo focal.

Orientação sexual	Idade	Nível de educação	Ocupação Profissional	Residência
Bissexual	23 anos	Estudante licenciatura	Estudante	Lisboa
Lésbica	25 anos	Estudante licenciatura	Estudante	Lisboa
Bissexual*	27 anos	Estudante licenciatura	Estudante	Lisboa
Lésbica	45 anos	Estudante de Pós-Graduação	Professora	Lisboa
Lésbica	50 anos	Licenciada	Jornalista	Lisboa
Lésbica	58 anos	Estudante de Pós-Graduação	Professora	Lisboa

* Mulher Belga a viver e estudar em Lisboa

O grupo focal centrou-se na análise de aplicações e atividades online que podem contribuir para a promoção da igualdade e não discriminação das mulheres lésbicas e bissexuais. A primeira ideia que as participantes referiram foi o Gaydar. Gaydar é um website disponível em diversos países, baseado em perfis de pessoas que procuram encontrar outras pessoas, vocacionado para homens gays e bissexuais². Também tem uma aplicação para telemóvel que permite a identificação da localização do utilizador e procurar outros utilizadores Gaydar nas proximidades, com quem se pode interagir através de mensagens ou conversar e partilhar informações ou fotos. Todas as participantes tinham ouvido falar sobre este website e aplicação de telemóvel, mas nenhuma delas o tinha tentado utilizar. Gaydar foi claramente identificado pelas participantes como destinado a homens gays e bissexuais, o que é consistente com a informação de anúncio do website: “O local de encontro para homens gays e bissexuais em todo o mundo”. De acordo com a opinião das participantes, a maioria dos homens que usam este website ou aplicação móvel estão à procura de parceiros sexuais, e dado que as informações no website são restritas a um grupo específico de utilizadores não contribui para aumentar a visibilidade das sexualidades entre pessoas do mesmo sexo em espaços públicos:

2 Disponível em: <<http://www.gaydar.co.uk/>>



“LES Friendly”: Práticas Geoespaciais Participativas para a Promoção de Espaços Públicos mais Inclusivos

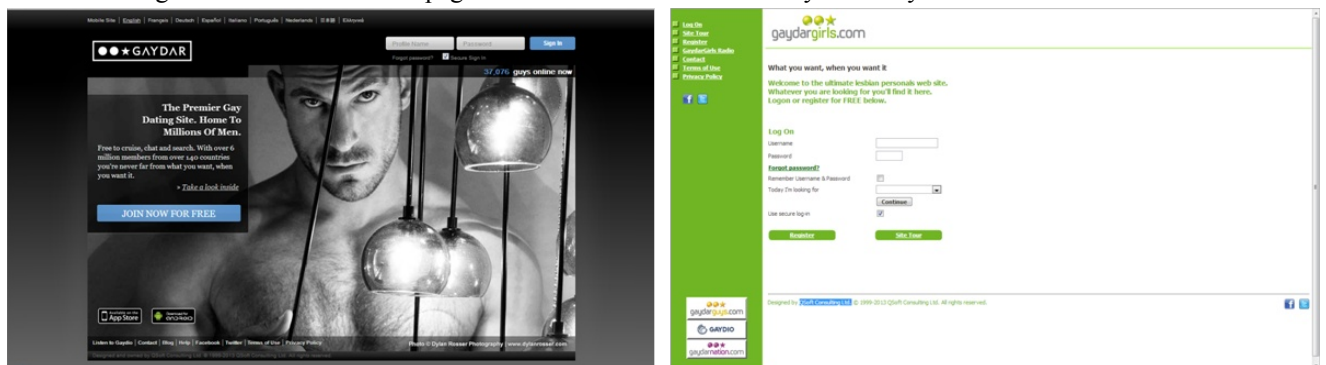
Uma ideia seria usar uma aplicação para telemóvel para saber se existem outras lésbicas nas proximidades. Mas eu só conheço este tipo de app para gays. (Lésbica, 25 anos, estudante).

Em Gaydar, você cria um perfil e então você obtém um mapa ou apenas uma lista de nomes, eu não tenho bem a certeza, de pessoas que estão na sua área e quão perto, e eu acho que há uma imagem. É uma coisa privada, apenas para conhecer outras pessoas. (Bissexual, 27 anos, estudante).

Eu sei que esta aplicação mostra algumas informações sobre as outras pessoas que estão a utilizar a aplicação, e então eles podem interagir através de mensagens. É possível definir que tipo de interação sexual que você está interessada. (Lésbica, 45 anos, Professora).

Algumas considerações foram feitas sobre a possibilidade de existir um website semelhante direcionado para as mulheres lésbicas e bissexuais. Esta possibilidade não foi considerada como atraente para as participantes, dado que este tipo de aplicações é muito centrado em encontros sexuais. As participantes também mencionaram que uma das razões para a inexistência de sites semelhantes para mulheres está provavelmente relacionada com a falta de procura, uma vez que esta é uma iniciativa com objetivos essencialmente comerciais e que tem como principal objetivo obter lucros. Nenhuma das participantes mencionou o Gaydar para mulheres, o GaydarGirls³ desenhado pela QSoft Consulting, a mesma empresa responsável pelo Gaydar. O site Gaydar está disponível em diversos idiomas, como Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano, Português, Holandês, Japonês e Grego. O GaydarGirls só está disponível em Inglês, não tem uma aplicação para telemóvel e o website é menos apelativo do que o site semelhante para os homens (Figura 1). As diferenças entre estes dois websites vão ao encontro das ideias expressas pelas participantes. As diferenças de género na utilização de websites de encontros têm sido relatadas em diversas pesquisas, tanto para heterossexuais como homossexuais (ROSS, 2011).

Figura 1 – Print screen das páginas de entrada dos websites Gaydar e GaydarGirls.



3 Disponível em: <<http://gaydargirls.com/>>

“LES Friendly”: Práticas Geoespaciais Participativas para a Promoção de Espaços Públicos mais Inclusivos

Para além de não considerarem atraente um website de encontros, as participantes salientaram que esses websites não contribuem para a visibilidade das sexualidades lésbicas em espaços públicos, dado que eles promovem essencialmente encontros privados.

Outra ideia interessante mencionada no grupo focal e que potencialmente poderia ser apelativa para mulheres lésbicas e bissexuais, foi a possibilidade de existir um website com informação georreferenciada sobre diversas atividades, tais como eventos culturais, jardins públicos, lugares agradáveis para passear, lojas de café, exposições, etc., que sejam ‘friendly’ para lésbicas. A ideia principal era oferecer algo diferente dos guias LGBT de bares e locais noturnos.

Talvez uma aplicação com informações georreferenciadas, mas diversas informações como cinemas, cafés, exposições, alojamentos ‘friendly’ para LGBT, lugares na cidade onde você saiba que as pessoas não vão ficar a olhar, e onde se pode apenas desfrutar ... (Lésbica, 50 anos de idade, Jornalista).

Eu acho que este tipo de aplicação poderia facilitar as expressões de afeto entre mulheres nos espaços públicos identificados por outras mulheres como sendo ‘friendly’. (Lésbica, 58 anos, Professora).

Foram levantadas diversas questões sobre a implementação deste tipo de website, nomeadamente: como recolher as informações, como mantê-lo atualizado e como garantir que as informações são fidedignas. De forma unânime as participantes reconheceram que ter acesso a este tipo de informação poderia facilitar demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo em lugares públicos para além de bares e locais de convívio noturno.

A discussão sobre bares LGBT ‘friendly’ foi interessante, dado que havia opiniões diferentes. Todas as participantes concordaram que a maioria dos bares LGBT ‘friendly’ são mais gay friendly do que lésbicas ‘friendly’. No entanto, as participantes mais jovens não mostraram interesse na existência de bares só para lésbicas porque elas costumam sair com grupos que incluem amigos do sexo masculino. Pelo contrário, as lésbicas mais velhas valorizaram a existência de bares mais exclusivos para lésbicas. Estes resultados são semelhantes aos de uma investigação sobre espaços para lésbicas em Amesterdão (FOBEAR, 2012)

Nós geralmente saímos também com amigos, e eles não poderiam ir connosco o que não seria nada bom. (Bissexual, 23 anos, estudante).

Eu acho que os lugares com diversidade de pessoas são mais interessantes, caso contrário, é como estarmos a fazer autossegregarão a nós próprias. Por outro lado, não há muitos lugares onde se pode conhecer outras lésbicas, além de bares. Existem alguns sites e redes sociais, mas eu não acho que é o mesmo, não para realmente conhecer pessoas. (Lésbica, 25 anos, estudante).



Na discussão sobre bares surgiu a ideia de que espaços LGBT *friendly* são essencialmente espaços privados, dentro de casa, e que os espaços públicos, como as ruas, são, na sua maioria pouco seguros para demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo:

Identificar, mapear lugares ao ar livre onde não se seja assediada seria muito útil. (Lésbica, 58 anos, Professora).

O que é importante é conquistar as ruas ... (Bissexual, 23 anos, estudante).

Locais com muita diversidade, seja cultural, sexual ou étnica, são considerados facilitadores para demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Mas o fator com maior potencial facilitador para se sentirem seguras ao terem expressões de afeto com outra mulher, é existirem mais pessoas do mesmo sexo com expressões de afeto num espaço público:

Por exemplo, saber quantas lésbicas vivem numa rua pode ajudar, você não precisa saber exatamente em que casas específicas, apenas precisa saber que elas vivem lá. Existe uma rua onde eu vi mais casais do mesmo sexo de mãos dadas do que eu costumo ver noutros locais públicos, e isso fez-me sentir diferente, mais confortável. (Lésbica, 50 anos de idade, Jornalista).

Provavelmente, eu me sentiria mais confortável nas ruas com a minha namorada se houvesse mais pessoas lá fora, de mãos dadas ou abraçadas, duas mulheres quero dizer [...] (Lésbica, 25 anos, estudante).

Se as pessoas estão num lugar onde há outras pessoas que se comportam naturalmente e que têm comportamentos afetivos com outras pessoas do mesmo sexo, provavelmente, vão sentir-se mais à vontade. (Bissexual, 23 anos, estudante).

A informação digital, como informação georreferenciada num mapa online, foi considerada uma possível alternativa à presença física de expressões públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Mesmo que as pessoas não estejam fisicamente presente num determinado lugar e em determinada altura, foi considerado que a informação digital sobre a sua presença pode afetar a perceção daquele lugar como *friendly* para demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo.

As participantes expressaram opiniões diferentes sobre a relevância do elemento tempo na informação digital. Algumas argumentaram que apenas as informações em tempo real poderiam influenciar a sua perceção de determinado lugar, e outras argumentaram que mesmo a informação diferida de pessoas que usam regularmente determinado lugar poderia ser igualmente eficaz. No entanto, as participantes foram unânimes em considerar que informação sobre o intervalo de tempo dos registos georreferenciados deve



estar disponível para fornecer uma ideia mais realista:

Para muitas pessoas, pode ser um pequeno passo para começar lentamente a ter esses gestos em espaços públicos, o conhecimento de que existem mais pessoas como elas ao seu redor [...] Eu acho que muitas pessoas andam nas ruas sempre, ou quase sempre, a pensar que são as únicas, que todas as outras são pessoas heterossexuais, e se elas soubessem que existem mais pessoas como elas ao seu redor poderia proporcionar uma sensação de segurança. Nós não estamos sempre sozinhas, há mais pessoas como nós em todos os tipos de lugares, nós simplesmente muitas vezes não sabemos disso. (Lésbica, 25 anos, estudante).

Seria melhor uma aplicação que mostrasse quem está naquele lugar, ao mesmo tempo, isso iria realmente fazer a diferença. (Lésbica, 45 anos, Professora).

Se quando eu saísse à rua e ligasse o aplicativo pudesse ver quantas pessoas homossexuais estão lá fora, isso iria fazer-me sentir diferente, é o fator psicológico. Eu acho que a informação deve ser sobre os lugares que as pessoas costumam frequentar, por exemplo, eu utilizo o comboio todos os dias no mesmo percurso, se tivesse informações sobre as pessoas que também passam nos mesmos lugares que eu passo todos os dias isso ia fazer-me sentir mais segura. Era muito bom poder mapear os lugares que as pessoas utilizam nas suas rotinas diárias, não só os bares à noite, mas onde as pessoas passam todos os dias. Embora eu provavelmente não compartilhasse as minhas informações se as pessoas me pudessem identificar. (Bissexual, 23 anos, estudante).

Ter acesso a informações sobre a altura do dia em que as pessoas estiveram em locais específicos é importante; a informação tem que ser real, para dar uma noção de quando, dia e hora. (Lésbica, 45 anos, Professora).

Ao falar sobre como criar a informação georreferenciada e não só apenas ter acesso a ela, as participantes identificaram as questões de privacidade e de segurança como os principais obstáculos à sua participação. Considerando que o mapa online seria de acesso livre para todas as pessoas, as participantes disseram só se sentirem seguras para partilhar informações se a sua identificação pessoal fosse protegida e ninguém nunca pudesse ter acesso à sua identidade.

Se fosse possível não me identificar, seria suficiente que as pessoas soubessem que alguém que é lésbica esteve lá, para saberem que eu existo e que estive lá. (Lésbica, 25 anos, estudante).

Talvez, mas nunca se sabe se as pessoas podem usar a informação

com outros fins, espero que não, mas por exemplo com o objetivo de assediar, o que poderia originar situações difíceis. Se eu pudesse postar informações anonimamente eu fazia, embora não fosse informar sobre todos os lugares e alturas, mas acho que só o fato de partilhar informação que estive lá, poderia ajudar as outras [...] (Bissexual, 23 anos, estudante).

Ao longo do grupo focal, as participantes compartilharam diversas experiências relacionadas com o processo de autoidentificação como lésbicas ou bissexuais. Todas as histórias tinham algo em comum, durante esse processo houve sempre alguns momentos em que sentiram que não havia mais ninguém como elas, uma sensação de isolamento e solidão. Vale a pena salientar que esses sentimentos também foram relatados pelas participantes mais jovens, que sempre viveram numa época em que há mais informações disponíveis na Internet, mais filmes e séries de TV com personagens LGBT, livros, revistas, associações LGBT, e até mesmo legislação que promove abertamente políticas de não discriminação.

Eu lembro-me de estar na esplanada da universidade e pensar que todas as pessoas do mundo eram heterossexuais e que eu era a única lésbica. (Lésbica, 45 anos, Professora).

Eu acho que nós sabemos que existem mais lésbicas e gays ao redor, mas que não se sentem seguros para terem afetos em público. Mesmo quando estamos num lugar onde os outros nos aceitam abertamente, eu acho que a maioria das vezes não nos sentimos confortáveis para dar as mãos ou abraçar, como se não tivéssemos os mesmos direitos que os heterossexuais. Muitas vezes eu penso sobre isto, porque me sinto diferente? É impossível que não existam mais lésbicas e gays, mas as pessoas têm medo de revelar a sua orientação sexual [...] (Bissexual, 23 anos, estudante).

Eu sou de Setúbal, eu cresci lá e eu sempre senti que eu era a única, eu nunca vi ninguém assumir abertamente a sua orientação sexual nas ruas. No meu grupo de amigos mais próximos eu sou abertamente lésbica e todos eles são heterossexuais, os amigos próximos quero dizer. Há outros amigos em Setúbal, não tão próximos, que também são lésbicas e gays, e nós compartilhamos esse sentimento de que não há mais ninguém como nós. Mas é impossível, Setúbal é uma cidade grande, deve haver outros [...] (Lésbica, 25 anos, estudante).

Outro aspeto comum às experiências relatadas pelas participantes foi a dificuldade em ter demonstrações públicas de afeto com pessoas do mesmo sexo e a consciência de que essa limitação afeta os seus relacionamentos afetivos e a sua qualidade de vida:

As pessoas podem entrar num nível de extrema paranoia. Se eu fizer algo bem simples como tocar o braço da minha namorada num lugar

público, ela vai ficar extremamente perturbada. É mais fácil abraçar uma amiga e beijá-la no rosto, sem qualquer problema. No entanto, se eu faço o mesmo com outra lésbica e, principalmente, se estamos num relacionamento afetivo, ela vai pensar que todo o mundo vai perceber que somos lésbicas e que todo o mundo vai ficar a olhar para nós. É incrível, exatamente o mesmo gesto. E para mim é complicado lidar com isso. Eu entendo, obviamente, sim, as pessoas têm pais e família e não querem ser abertamente lésbicas, mas às vezes é muito complicado, especialmente nos relacionamentos. (Lésbica, 25 anos, estudante).

Embora o tempo possa ser um aspeto relevante não é o aspeto mais importante. As participantes reconheceram que saber que outras pessoas LGBT costumam ir aos mesmos lugares ajuda a proporcionar uma sensação de pertença e de segurança. O mais importante não é estarem ao mesmo tempo no mesmo local, mas ser um local onde habitualmente podem estar pessoas LGBT. O sentimento de não se ser a única pessoa não-heterossexual num determinado local ajuda a lidar com o contexto de discriminação social. Mesmo que as pessoas fiquem a olhar para elas com um ar de crítica, dizem que se sentiriam mais seguras e acompanhadas. Estas ideias foram apoiadas pelas próprias experiências das participantes em diversos espaços públicos:

A ideia é oferecer algo diferente, não apenas informações sobre um bar ou discoteca, onde temos de ir de propósito, mas sim informações sobre espaços cotidianos onde as pessoas vão diariamente. Se eu soubesse que na minha escola há 100 gays e 500 lésbicas, eu ... as pessoas que vão lá pela primeira vez, calouros, poderiam sentir-se mais confortáveis, porque eles saberiam que realmente existem outras lésbicas e gays, caso contrário, nunca se sabe, nunca é mencionado, apenas em conversas privadas com algumas pessoas podemos dizer; essa rapariga é lésbica ou algo assim. Mas é apenas fofoca. (Bissexual, 23 anos, estudante).

As participantes partilharam algumas experiências interessantes sobre estarem em espaços públicos onde outras pessoas exibiam abertamente expressões de afeto com pessoas do mesmo sexo. Estas experiências foram principalmente noutros países e tiveram um impacto significativo sobre a forma como elas lidam com a sua orientação sexual. As participantes reconheceram unanimemente que, antes de se sentirem confiantes para terem demonstrações de afeto com pessoas do mesmo sexo em espaços públicos, primeiro têm de ver outras pessoas a fazê-lo sem daí resultarem reações negativas:

Esta foi uma experiência pessoal, quando eu fui para Amsterdão eu estava num relacionamento com uma mulher e que manteve a nossa relação em segredo de quase toda a gente. Em Amsterdão foi a 1ª vez que eu estava na rua e vi um monte de coisas diferentes, incluindo duas mulheres que se beijaram, e essa experiência fez-me pensar que

“LES Friendly”: Práticas Geoespaciais Participativas para a Promoção de Espaços Públicos mais Inclusivos

deveria ser assim em todos os lugares, e que todas as pessoas se deviam sentir confortáveis nos espaços públicos. Lembro-me de perceber que eu estava a viver uma mentira em Portugal. Esta experiência deu-me força interior, e desde então muitas coisas mudaram na minha vida. (Lésbica, 58 anos, Professora).

Para uma pessoa poder ficar à vontade e ter estes comportamentos em espaços públicos, a pessoa tem de sentir-se segura, tem de ver outros lugares onde isso acontece e, em seguida, perceber que é normal, que não é errado... (Bissexual, 23 anos, estudante).

Houve alguns relatos de experiências não tão positivas de demonstrações de afeto em espaços públicos. A participante belga compartilhou a sua experiência comparando Portugal e a Bélgica:

Eu comparo com a Bélgica, onde se vê um monte de gente a fazer isso nas ruas e ninguém fica a olhar, as pessoas estão habituadas, claro que não em todos os lugares, há lugares onde é mais perigoso. Aqui, em Portugal, o que é mais difícil para mim é que eu sinto as pessoas a olhar para mim o tempo todo e eu não estou habituada a isso. Isso não significa que as pessoas são mais agressivas, é só que não estão habituadas a ver, então elas olham. (Bissexual, 27 anos, estudante).

No outro dia estávamos na rua e abraçámo-nos, apenas um simples abraço e é incrível, uma senhora passou por nós, virou-se e começa a gritar em voz alta: vão para casa, vão para casa, muito alto e parecia que ela nunca mais ia parar de gritar . (Bissexual, 23 anos, estudante).

Concentrando-se nas potencialidades das informações digitais georreferenciadas para as pessoas LGBT, as participantes consideraram que o acesso à Internet em casa, ou noutra lugar privado, será uma forma mais segura do que com o telemóvel no local. Garantir a privacidade foi identificado como o principal requisito para se utilizar um mapa online com informações de experiências em espaços públicos de mulheres lésbicas e bissexuais, quer a partilha de experiências pessoais ou simplesmente consultar as experiências de outras mulheres.

Eu acho que o computador é melhor, podemos aceder em casa à noite, para adicionar informações, ... ou mesmo apenas um dia por semana e ver o que mudou e o que não mudou. (Lésbica, 45 anos, Professora).

Se a aplicação for fácil de usar, não vejo porque é que as pessoas não vão usá-la. Mas nunca revelar muita informação pessoal... (Lésbica, 50 anos de idade, Jornalista).

Como conclusão, podemos identificar algumas ideias centrais que emergiram da discussão. Ao falar sobre as estratégias com base na utilização

da tecnologia que poderiam contribuir para tornar os espaços públicos mais seguros para demonstrações de afeto entre pessoas do mesmo sexo, a primeira ideia que ocorreu às participantes foi relacionada com websites de encontros, como o Gaydar. Embora as participantes considerassem que este tipo de websites não contribui para facilitar demonstrações de afeto em espaços públicos por serem essencialmente para promover encontros privados. O fato deste tipo de websites ser maioritariamente para homens também foi salientado.

Uma ideia que gerou o entusiasmo das participantes foi a possibilidade de existir um *website* com informações georreferenciadas sobre as atividades *friendly* para lésbicas, tais como eventos culturais, jardins públicos, lugares agradáveis para passear, lojas, cafés, exposições, etc. A ideia principal é oferecer algo que vá para além da informação existente nos guias LGBT que são quase exclusivamente sobre bares e locais noturnos. O facto de a maioria dos espaços identificados como LGBT *friendly* nos guias serem espaços fechados e não espaços ao ar livre direcionou a conversa para as limitações que existem para as demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. As participantes reconheceram ter dificuldades em exibir comportamentos de afeto com pessoas do mesmo sexo em espaços públicos. No entanto, a presença de outras pessoas LGBT pode contribuir para um sentimento de pertença, aumentando a probabilidade de se sentirem confiantes para expressar afetos em público com outras mulheres. Para além da presença de outras pessoas LGBT, um contexto de diversidade social também foi considerado importante para proporcionar uma sensação de anonimato e de segurança.

Projeto ‘LES Friendly’

As questões de género existem e fazem a diferença, mesmo nas comunidades/grupos LGBT. A socialização no espaço público faz-se maioritariamente no masculino, basta ver um guia LGBT de qualquer cidade e verificar que a esmagadora maioria dos locais identificados são claramente mais inclusivos de gays do que de lésbicas.

As mulheres num relacionamento afetivo/sexual com outras mulheres têm falta de espaços de convívio diversificados e em quantidade que lhes proporcionem a socialização que lhes falta nos contextos diários. Esta constatação foi o ponto de partida do projeto ‘LES *friendly*’. Este projeto ‘LES *friendly*’ tem como objetivo utilizar mapas colaborativos em ambiente online para a promoção de um espaço público mais *friendly* para as mulheres num relacionamento afetivo/sexual com outras mulheres. Este projeto promove a criação e partilha de mapas colaborativos em ambiente online com informação sobre espaços públicos *friendly* para mulheres num relacionamento afetivo/sexual com outras mulheres.

O projeto iniciou em março 2016, com um site⁴, uma página do Facebook, um mapa online de Lisboa com base no Google Maps e um formulário para partilhar informações. O mapa online inicial foi apenas de Lisboa, a capital e a maior cidade de Portugal, tendo sido numa segunda fase alargado para a cidade

4 Disponível em: <www.lesfriendly.pt> e também disponível em: <<https://bit.ly/2UzOQ6G>>

do Porto. Foi escolhido um formulário como meio de recolha da informação das participantes para salvaguardar a sua privacidade. Neste formulário nenhuma informação pessoal é solicitada e as participantes podem partilhar informações de forma anónima. No grupo focal realizado com as participantes do projeto ‘Camadas de Visibilidade’ este foi um requisito identificado como fundamental para facilitar a participação. Para garantir a autenticidade e fiabilidade da informação partilhada as participantes podem comentar todos os locais identificados, permitindo desta forma recolher uma diversidade de opiniões.

O formulário de recolha de informação tem os seguintes campos: nome do local; localização (morada e se possível coordenada GPS para a localização ser o mais exata possível); tipo de local (bar, restaurante, café, alojamento, jardim, livraria, evento, serviços, e uma opção em aberto para outro tipo de lugar); comentário (relatos de experiências ou outras informações que justificam a inclusão do local no mapa LES *friendly*); intervalo temporal (determinado espaço pode ser *friendly* a determinadas horas do dia, épocas do ano, ou até só num momento em particular - preencher se for relevante); escala de 5 pontos para identificarem quão *friendly* consideram o local identificado (muito *friendly*; *friendly*; difícil de definir; pouco *friendly*; nada *friendly*).

O desafio foi divulgado em redes sociais e listas de discussão de grupos de lésbicas e bissexuais:

Conheces Lisboa ou Porto? Consideras que são cidades friendly para mulheres num relacionamento afetivo/sexual com outra mulher? Enquanto mulher num relacionamento afetivo/sexual com outra mulher, já tiveste situações em que te sentiste bem em espaços públicos de Lisboa ou Porto? E espaços em que te sentiste menos bem? Vamos construir um mapa LES friendly para que todas as mulheres num relacionamento afetivo/sexual com outra mulher possam mais facilmente encontrar espaços em Lisboa e Porto onde se sintam bem. Pretendemos divulgar diversos espaços, não só bares ou locais de convívio noturno, mas jardins, livrarias, lojas, miradouros, eventos, restaurantes, cafés, etc.

É a participação de todas que pode transformar o mapa LES friendly num recurso útil para todas as mulheres num relacionamento afetivo/sexual com outra mulher. Para além de partilharem locais podem também comentar os locais que já estão no mapa, dando visibilidade à diversidade de experiências e opiniões 😊. Através dos comentários feitos à informação partilhada no mapa é possível ir aferindo se a informação é fidedigna e significativa.

Também é possível partilhar informação sobre espaços considerados pouco ou nada LES friendly, o que permitirá identificar espaços a evitar. A classificação de um espaço como sendo ou não LES friendly está relacionada com a experiência de cada uma. O mesmo espaço poderá ter perceções diferentes por diferentes mulheres; todas as opiniões serão partilhadas de forma a se poder ter uma visão o mais completa e inclusiva possível.

A privacidade de quem partilha informação é de extrema

importância, pelo que optámos por recolher informação através de um formulário online em que não são solicitados dados pessoais. A informação partilhada no formulário é depois colocada no mapa, e é possível comentar essa informação. (texto disponível no site do projeto www.lesfriendly.pt).

Junto com este desafio existia também um texto que explicava o significado da palavra ‘lésbicas’ neste projeto:

Este projeto é direcionado para mulheres (cisgénero ou transgénero) que se envolvem em relacionamentos sexuais/emocionais com outras mulheres. Incluímos neste grupo todas as mulheres que gostam de mulheres: lésbicas, bissexuais, [...] porque num espaço público a reação de outras pessoas para com duas mulheres assumidamente numa relação afetiva será semelhante qualquer que seja a sua autoidentificação. O que está em causa é a possibilidade de visibilidade de uma relação afetiva/sexual entre duas mulheres. As mulheres que se envolvem em relacionamentos sexuais/emocionais com outras mulheres constituem um grupo heterogéneo com diversas experiências e expectativas, que vivem em contextos socioeconómicos distintos, mas que apresentam alguns aspetos comuns, como o facto de serem mulheres e viverem num contexto social discriminatório. (texto disponível no site do projeto www.lesfriendly.pt).

Cerca de um mês após o lançamento do projeto *LES friendly*, as participantes questionaram a expressão 'LES' e o uso da palavra 'lésbica' como uma categoria guarda-chuva que abarcava muitas outras identidades. A discussão decorreu no Facebook e foi feita uma sondagem sobre esta questão. As participantes foram convidadas a responder a 2 perguntas:

Que expressão achas que se deve utilizar neste projeto?

- LES
- FEM
- MSM (Mulheres que têm Sexo com Mulheres)
- MGM (Mulheres que Gostam de Mulheres)
- Outra:

Deve ser mudada a designação do projeto?

Sim, mudar para a sigla mais votada (o que implica mudar logo, endereço de site, Facebook, etc ...)

Não, mudar só a descrição do projeto e em todos os locais do site e do Facebook onde aparece a palavra 'lésbicas' substituir pela expressão mais votada.

Outra:

(sondagem disponível no site www.facebook.com/lesfriendly, realizada entre maio e junho de 2016)

Os resultados foram claramente a favor de manter a sigla LES, mas deixar de utilizar a palavra 'lésbica' como uma categoria guarda-chuva. Assim, o

projeto passou a identificar o seu público alvo como: mulheres (cisgénero ou transgénero) que se envolvem em relacionamentos sexuais/emocionais com outras mulheres.

Marcos de sugestões e melhorias:

- Em abril de 2016 as participantes sugeriram a inclusão de um mapa online do Porto, a segunda maior cidade de Portugal. Até o final de abril, foi criado o Mapa LES *friendly* do Porto.

- Também em abril de 2016 as participantes sugeriram a inclusão de informações sobre locais para a prática de desportos. Algumas participantes enviaram informações e uma nova categoria foi criada. Esta é uma inovação muito significativa em informações sobre espaços LGBT em Portugal, geralmente a única informação disponível é sobre bares e espaços fechados que só funcionam em período noturno.

- Em maio 2016 o *website* foi atualizado para incluir um post relacionado com cada marcador do mapa online. A existência de posts permite fazer comentários mais facilmente e potencializa a participação.

- Em julho de 2016 as participantes sugeriram a inclusão de uma nova categoria, ginecologistas. Ir a um ginecologista quase sempre implica falar da sua sexualidade e é muito importante que as mulheres que se envolvem em relações sexuais com outras mulheres se possam sentir confortáveis e seguras.

Alguns dos comentários partilhados podem ilustrar a diversidade das contribuições:

Fui comprar alianças de namoro com a minha namorada - fomos extremamente bem atendidas, de forma amorosa e carinhosa, e muito prestável. É uma situação em que teríamos sempre de nos expor como lésbicas, e saímos felizes e até comovidas pelo bom tratamento. (Lua de Prata, Ourivesaria, Lisboa).

A Petúlia é uma tradicional confeitaria portuense. Numa ida recente, fomos tratadas de forma deplorável. O funcionário praticamente recusou servir-nos, fazendo um grunhido quando se apercebeu que íamos partilhar um chá. Uma outra cliente também esteve continuamente a olhar para nós, o que aumentou o nosso desconforto. Isto, realçamos, sem trocarmos carinhos ou manifestações públicas de afeto. (Petúlia, Café, Porto).

Costumava tocar nas noites de sexta e sábado nesse local com minha esposa, pois temos um duo musical e, algumas semanas atrás, presenciamos o dono do estabelecimento agredindo uma cliente com um soco no rosto. Ficamos horrorizadas com a situação e deixamos de trabalhar lá. Contudo, festas LGBT continuam acontecendo uma vez por mês simplesmente pois trazem grande lucro à casa. Porém, a gestão e os funcionários em geral são muito machistas e preconceituosos. Não recomendo a ninguém que busque um local tranquilo para curtir a noite em paz. (Armazém do Chá, Bar, Porto).

O Mob é um espaço de trabalho e convívio das associações “Habita – Colectivo pelo Direito à Habitação e à Cidade” e a “Associação de Combate à Precariedade – Precários Inflexíveis”. É um espaço muitíssimo recetivo à comunidade LGBT queer onde se respira um ambiente efetivamente misto, com forte presença de mulheres e bastante povoado também por pessoas não binárias, no que à identidade de género diz respeito. Além disso organiza inúmeros eventos, sendo que uma grande parte está direcionada para temas LGBT. (Mob, Associação, em Lisboa).

‘LES friendly’ é um projeto em construção, colaborativo e participativo, não só na forma como a informação é recolhida e comentada, mas também na forma como o projeto foi concebido e implementado. Um dos aspetos mais inovadores deste projeto está relacionado com o ato performativo de mapeamento. As participantes podem decidir sobre os dados a incluir nos mapas online e criar as suas próprias narrativas geoespaciais e representações. Mais do que permitir a criação de significado coletivo a partir de experiências individuais, este projeto explora as potencialidades de mapeamento online colaborativo para capacitar mulheres lésbicas e bissexuais, e facilitar as demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. O objetivo a longo prazo é contribuir para quebrar as inter-relações entre as formas como o espaço público se organiza e a heteronormatividade hegemónica.

Conclusões

Esta investigação evidencia as potencialidades das práticas geoespaciais colaborativas em ambiente online para romper a heteronormatividade dominante da paisagem socioespacial. Os resultados da investigação indicam que as mulheres lésbicas e bissexuais podem criar novas paisagens sócio espaciais através da partilha das suas experiências, emoções, pensamentos e perceções dando visibilidade às suas relações sexuais/afetivas com outras mulheres. Utilizar mapas colaborativos em ambiente online para partilha de experiências de demonstrações de afeto com outras mulheres em espaços públicos permite que as participantes tenham um papel ativo na desconstrução da heteronormatividade hegemónica sem as expor a situações de discriminação direta. Esta abordagem é particularmente relevante num contexto de discriminação social generalizada, que é a situação em Portugal como noutros países da União Europeia (FRA, 2010).

Os resultados do projeto ‘Camadas de visibilidade’ (FERREIRA e SALVADOR, 2015) indicam que ter acesso a mapas online com informação de experiências positivas de lésbicas em espaços públicos pode afetar a perceção de segurança e de pertença e aumentar a possibilidade de demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. O facto de as demonstrações de afeto em espaços públicos entre pessoas do mesmo sexo poderem ser mais frequentes influencia a forma como esses espaços são percecionados, num processo cíclico que pode contribuir para um espaço público com mais igualdade e não discriminatório.

O projeto ‘LES friendly’ destaca como emoções, subjetividades e espaços



são mutuamente constitutivos e torna visíveis as estruturas de poder heteronormativas inscritas nas paisagens sócio espaciais. Utilizando metodologias colaborativas e participativas é possível tornar visível que espaços são percebidos como *friendly* ou não *friendly*, seguros ou não seguros, para mulheres que se envolvem em relacionamentos sexuais/emocionais com outras mulheres. As práticas geoespaciais participativas de grupos discriminados podem criar significado coletivo a partir de experiências individuais, contribuindo para transformar as práticas de pessoas que vivem num contexto de discriminação ao tornar visível o que o discurso dominante normativo invisibiliza. O projeto ‘LES *friendly*’ evidencia como as narrativas geoespaciais em ambiente online de memórias e representações de um grupo discriminado podem fornecer possibilidades alternativas de cidadania sexual.

Mais do que tornar as sexualidades não-normativas visíveis em espaços específicos, como áreas de bares LGBT *friendly*, ou em determinados eventos como as marchas do orgulho LGBT, o que pode mais eficazmente romper a heteronormatividade hegemônica é torná-las visíveis nas práticas quotidianas em todos os contextos, espaços e tempos da vida das pessoas. A limitação da visibilidade das sexualidades não-normativas a determinados espaços e momentos de alguma forma reforça os discursos hegemônicos dos espaços públicos. Os espaços comerciais LGBT *friendly* e marchas do orgulho estão sujeitos a autorizações legais e limitados a espaços e horários específicos; eles são formalmente controlados, assim como contidos.

A possibilidade de produção de representações alternativas dos espaços públicos através de práticas geoespaciais participativas em ambiente online oferece novas oportunidades para as pessoas que sofrem discriminação social com base na orientação sexual. A possibilidade de participar ativamente em práticas geoespaciais em ambiente online sem ter de partilhar detalhes pessoais (particularmente significativo num contexto de discriminação social), e as potencialidades da Internet para minimizar constrangimentos geográficos e temporais potencia uma maior diversidade na constituição e reprodução de espaços públicos, rompendo com a hegemonia de um discurso normativo dominante.

Referências

BARNETT, C. **Culture and democracy**: media, space and representation. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.

BELL, D. Insignificant Others: Lesbian and Gay Geographies. **Area**, v. 23, n. 4, p. 323-329, 1991.

CORTEEN, K. Lesbian Safety Talk: Problematizing Definitions and Experiences of Violence, Sexuality and Space. **Sexualities**, v. 5, n. 3, p. 259-280, 2002.

COUNCIL OF EUROPE. **Discrimination on grounds of sexual orientation**



and gender identity in Europe. Strasbourg: Council of Europe Publishing, 2011.

CRAMPTON, J. Cartography: performative, participatory, political. **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 6, p. 840-848, 2009.

FERREIRA, E.; SALVADOR, R. Lesbian collaborative web mapping: Disrupting heteronormativity in Portugal. **Gender Place and Culture**, v. 22, n. 7, p. 954-970, 2015.

FERREIRA, E.; SILVA, M. J. Equality policy in Portugal: the case of sexual orientation. In: MOTMANS, J.; CUYPERS, D.; MEIER, P.; MORTELMANS, D.; ZANONI, P. (Ogs.). **Equal is not enough: challenging differences and inequalities in contemporary societies.** Antwerp: Policy Research Centre on Equal opportunities, 2011. p. 142-155.

FERREIRA, E. Geographies of (in)equalities: space and sexual identities. In: SALVADOR, R.; FIRMINO, A.; PONTE, C.; FERREIRA, E. (Orgs.). **Proceedings of Geographies of Inclusion: challenges and opportunities.** Lisboa: e-GEO. 2011, p. 36-60.

FOBEAR, K. Beyond A Lesbian Space? An Investigation on the Intergenerational Discourse Surrounding Lesbian Public Social Places in Amsterdam. **Journal of Homosexuality**, v. 59, n. 5, p. 721-747, 2012.

FRA - European Union Agency for Fundamental Rights. **Homophobia, Transphobia and Discrimination on grounds of Sexual Orientation and Gender Identity.** Wien: European Union Agency for Fundamental Rights, 2010.

HUBBARD, P. Sex Zones: Intimacy, Citizenship and Public Space. **Sexualities**, v. 4, n. 1, p. 51-71, 2001.

LANE, G.; THELWALL, S.; ANGUS, A.; PECKETT, V.; WEST, N. **Urban Tapestries - Public Authoring, Place and Mobility.** London: Proboscis, 2005.

LIN, W. Situating performative neogeography: tracing, mapping, and performing ‘Everyone’s East Lake’. **Environment and Planning A**, v. 45, p. 37-54, 2013.

MASSEY, D. **Space, Place and Gender.** Oxford: Polity Press and Blackwell, 1994.

ROSE, G. **Feminism and geography: the limits of geographical knowledge.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

VALENTINE, G. The Geography of Women's Fear. **Area**, v. 21, n. 4, pp. 385-

“LES Friendly”: Práticas Geoespaciais Participativas para a Promoção de Espaços Públicos mais Inclusivos

390, dec. 1989.

_____. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 11, p. 395-413, 1993a.

_____. Negotiating and managing multiple sexual identities: lesbian time-space strategies. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**, v. 18, p. 237-248, 1993b.

_____. Renegotiating the ‘heterosexual street’: lesbian productions of space. In: DUNCAN, N. (Org.). **BodySpace: destabilizing geographies of gender and sexuality**. London: Routledge, 1996.

_____. **Social Geographies: Society and Space**. Harlow: Prentice Hall, 2001.

_____. People like us: negotiating sameness and difference in the research process. In: MOSS, P. (Org.). **Feminist Geography in Practice**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 116–126.

_____. Theorizing and researching intersectionality: a challenge for feminist geography. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10-21. 2007.

Recebido em 06 de Fevereiro de 2018.

Aceito em 07 de Julho de 2018.

Eduarda Ferreira

113